



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA CENTRO DE ESTUDOS
SUPERIORES DE CAXIAS – CESCDEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E
FILOSOFIA**

LEYDE DAYANNA ALVES DA SILVA OLIVEIRA

**A REPRESENTATIVIDADE DA MULHER NEGRA CONTEMPORÂNEA
NA SOCIEDADE DE CAXIAS- MA: desafios e conquistas**

**CAXIAS – MA
2022**

LEYDE DAYANNA ALVES DA SILVA OLIVEIRA

**A REPRESENTATIVIDADE DA MULHER NEGRA CONTEMPORÂNEA
NA SOCIEDADE DE CAXIAS- MA: desafios e conquistas**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Ciências Sociais e Filosofia, do Centro de Estudos Superiores de Caxias (CESC), da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), como requisito a obtenção do título de licenciatura em Ciências Sociais.

Professora Orientadora: Gleiciane Brandão Carvalho

**CAXIAS-MA
2022**

O48r Oliveira, Leyde Dayanna Alves da Silva

A representatividade da mulher negra contemporânea na sociedade de Caxias-MA: desafios e conquistas / Leyde Dayanna Alves da Silva Oliveira. __Caxias: CESC/UEMA, 2022.

36f.

Orientador: Prof. Gleiciane Brandão Carvalho.

Monografia (Graduação) – Centro de Estudos Superiores de Caxias, Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Mulher contemporânea. 2. Gênero. 3. Representações. 4. Mulher Negra. I. Título.

CDU 305-055.2

Elaborada pelo bibliotecário Wilberth Santos Raiol CRB 13/608.

**A REPRESENTATIVIDADE DA MULHER NEGRA CONTEMPORÂNEA
NA SOCIEDADE DE CAXIAS- MA: desafios, conquistas e pandemia**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Ciências Sociais e Filosofia, do Centro de Estudos Superiores de Caxias (CESC), da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), como requisito a obtenção do título de licenciatura em Ciências Sociais.

Aprovado em: _04/08/2022

BANCA EXAMINADORA



Orientador (a): Gleiciane Brandão Carvalho
Universidade Estadual do Maranhão – Caxias



Examinador 1: Profa Dra. Rosane Lopes e Silva
Universidade Estadual Do Maranhão



Examinador 2: Profa. Ma. Grace Kelly Souza
Universidade Federal do Maranhão

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus primeiramente por todas as bênçãos recebidas e por me fortalecer a cada dia, à minha família, minha mãe Constância e meu pai Delmiro que sempre tiveram a preocupação de nos educar e mostrar o caminho certo, às minhas filhas Isabella Maria e Thayla Maria que me dão forças sempre e entende às vezes as minhas ausências, ao meu esposo Brytho que sempre teve paciência e me apoiou nos momentos mais difíceis da vida, às minhas irmãs Nathy, Elizângela que sempre estão me apoiando, irmãos Dailton, Clemiltonque sempre me deram força, e a minha sogra Antônia e minha cunhada Elenilde e minha cunhada Fátima (in memoriam), minha sobrinha Mércia e meus sobrinhos Filipe e Henrique que sempre me ajudaram na criação das minhas filhas

À minha orientadora Gleiciane Brandão, a minha professora Arydimar e em nome dela agradeço os demais professores que compartilharam comigo seu conhecimento me proporcionando chegar até aqui, as minhas amigas Mara, Cristhiane, Raimunda, Fernanda, Lusiene, Sara, Franciane, Thaisciele e claro muitas outras que me ajudaram nessa longa caminhada.

Dedico esse trabalho às minhas filhas Isabella
Maria e Thayla Maria, por tanto amor e
carinho dedicado à minha pessoa.

A palavra é “meu destino sobre o mundo”(Clarice Lispector)

RESUMO

Na contemporaneidade, as novas configurações transnacionais de poder se articulam com transformações fundamentais na economia política do capitalismo em todo o mundo, que passou a ser caracterizado pela crescente hegemonia do capital multinacional. O gênero parece integrar-se na terminologia científica das ciências e, por consequência, dissociar -se da política – (pretensamente escandalosa) - do feminismo. Neste uso, o termo gênero não implica necessariamente na tomada de posição sobre a desigualdade ou o poder, nem mesmo designa a parte lesada. Estudo teve como objetivo principal evidenciar a mulher negra contemporânea e suas representações na sociedade dentro dos contextos sociais, culturais, morais, éticos e religiosos. O presente estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica do tipo revisão integrativa da literatura, seguida por uma entrevista semiestruturada com mulheres negras da sociedade caxiense. Os dados analisados apontaram que a partir dos movimentos sociais voltados para mulheres negras que nota-se o quão é necessário debater essa temática entre os jovens, para que estes jovens se posicionem na sociedade, e reconheça de fato suas raízes, pois na medida em que se busca discutir essa temática nos grupos, possibilita ao mesmo tempo o fortalecimento do “Ser Eu” em uma sociedade tão “padronizada”. Conclusão, em suma, a mulher negra contemporânea distingue-se das demais em épocas anteriores por buscar valorização e reavaliação do modelo social no Brasil e no mundo, tais ações vislumbra alcance de direitos outrora outorgados e redução das disparidades e desigualdades de gênero, cor, raça, sexo mirando assim num futuro igualitário e justo para todos sem distinção entre sexo ou gênero.

Palavras-chave: Mulher contemporânea; Gênero; Representações; Mulher Negra.

ABSTRACT

In contemporary times, the new transnational configurations of power are articulated with fundamental transformations in the political economy of capitalism around the world, which has come to be characterized by the growing hegemony of multinational capital. Gender seems to be integrated into the scientific terminology of the sciences and, consequently, to dissociate itself from the politics – (allegedly scandalous) – of feminism. In this usage, the term gender does not necessarily imply taking a position on inequality or power, nor does it even designate the aggrieved party. The main objective of this study was to highlight contemporary black women and their representations in society within social, cultural, moral, ethical and religious contexts. The present study is a bibliographic research of the integrative literature review type, followed by a semi-structured interview with black women from Caxiense society. The analyzed data showed that from the social movements aimed at black women, it is noted how necessary it is to debate this issue among young people, so that these young people can position themselves in society, and actually recognize their roots, because insofar as they if it seeks to discuss this theme in the groups, it makes possible at the same time the strengthening of “Being Me” in such a “standardized” society. Conclusion, in short, the contemporary black woman is distinguished from the others in previous times for seeking appreciation and reassessment of the social model in Brazil and in the world, such actions envision the reach of rights once granted and the reduction of disparities and inequalities of gender, color, race, sex, thus aiming at an egalitarian and just future for all without distinction between sex or gender.

Keywords: Contemporary woman; Gender; Representations; Black woman.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	
3	
2 A MULHER CONTEMPORÂNEA E SUAS REPRESENTAÇÕES NA	
SOCIEDADE	
5	
2.1	
CONCEITOS.....	
5	
2.2 QUESTÕES DE GÊNERO	7
2.3 HISTORICIDADE DO PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE	
CONTEMPORÂNEA	
9	
2.4 A MULHER NO	
MARANHÃO	
12	
3 ANÁLISE DOS	
DADOS	
19	
3.1 REPRESENTATIVIDADES DA MULHER NEGRA NO IMPASSE DAS DISPARIDADES E	
DESIGUALDADES	
VIGENTES	
19	
3.2 DESAFIOS, CONQUISTAS E	
PANDEMIA	
21	
3.2.1 Relatos de lutas e conquistas de mulheres	
Caxienses	
23	
4 CONSIDERAÇÕES	
FINAIS	
30	
REFERÊNCIAS	
31	

1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, as novas configurações transnacionais de poder se articulam com transformações fundamentais na economia política do capitalismo em todo o mundo, que passou a ser caracterizado pela crescente hegemonia do capital multinacional, pelo impacto das novas tecnologias de produção, distribuição e comunicação, e pela nova divisão internacional do trabalho, que depende extensivamente das mulheres. Também nas diásporas contemporâneas, de acordo com Stoll (2021), as mulheres são um segmento crescente em vários locais e em todos os tipos de migração.

O gênero parece integrar-se na terminologia científica das ciências e, por consequência, dissociar -se da política – (pretensamente escandalosa) - do feminismo. Neste uso, o termo gênero não implica necessariamente na tomada de posição sobre a desigualdade ou o poder, nem mesmo designa a parte lesada. O destino das pessoas está diretamente ligado ao sistema econômico global, porém sua posição exata depende de vários fatores: gênero, classe, cor, etnia, casta, idade, sexualidade e o país em que se vive, com uma sociedade rica ou com uma indústria avançada ou não (DALCASTAGNE, 2018).

Enquanto o termo “história das mulheres” revela a sua posição política ao afirmar (contrariamente às práticas habituais), que as mulheres são sujeitas históricos legítimos, o gênero inclui as mulheres sem as nomear, e parece assim não se constituir em uma ameaça crítica. Este uso do “gênero” é um aspecto que a gente poderia chamar de procura de uma legitimidade acadêmica pelos estudos feministas nos anos 1980.

As preocupações teóricas relativas ao gênero como categoria de análise apareceram no final do século XX. Elas estão ausentes na maior parte das teorias sociais formuladas desde século XVIII até o começo do século XX. De fato, algumas dessas teorias construíram a sua lógica sob analogias com a oposição masculino/feminino, outras reconheceram uma “questão feminino”, outras ainda se preocupam com a formação da identidade sexual subjetiva, mas o gênero, como o meio de falar de sistemas de relações sociais ou entre os sexos, não tinha aparecido (STOLL, 2021).

Esta falta poderia explicar em parte a dificuldade que as mulheres contemporâneas têm tido de integrar o termo gênero em conjuntos teóricos pré-existentes e em convencer os adeptos de uma ou de uma escola teórica que o gênero faz parte do seu vocabulário. O termo gênero faz parte das tentativas levadas pelas feministas contemporâneas para reivindicar certo campo da definição, para insistir sobre o caráter inadequado das teorias inexistentes em explicar

desigualdades persistentes entre mulheres e homens (DALCASTAGNE, 2018).

Assim sendo, este estudo teve como objetivo principal evidenciar a mulher negra contemporânea e suas representações na sociedade dentro dos contextos sociais, culturais, morais, éticos e religiosos. E especificamente, abordar os conceitos inerentes a mulher negra na contemporânea; discorrer sobre as questões de gênero e suas representações e descrever as representações da mulher e perspectivas futuras no impasse das disparidades e desigualdades vigentes.

Argumento que a divisão sexual do trabalho é um questionamento importante, principalmente no que diz respeito a produção por gênero. O fato de ela não incidir igualmente sobre todas as mulheres implica que a produção do gênero que assim se dá é racializada e atende a uma dinâmica de classe.

Contudo, torna-se significativo que o uso da palavra gênero tenha emergido num momento de grande efervescência que em certos casos toma a forma de uma evolução dos paradigmas científicos em direção a paradigmas literários (da ênfase colocada sobre a causa em direção à ênfase colocada sobre o sentido, misturando os gêneros da pesquisa segundo a formulação do antropólogo Clifford Geertz (SCOTT, 1990, p.16)

O gênero não se configura de maneira independente em relação à raça e à classe social nem é acessório relativamente a essas variáveis. De fato, na conformação conjunta do capitalismo e do patriarcado em seus padrões atuais, as mulheres são posicionadas como um grupo onerado pelo cotidiano de trabalho prestado gratuitamente, direcionado a ocupações específicas, menos remuneradas que os homens que desempenham as mesmas atividades esub - representado na política (BIROLI, 2018).

A partir das ideias da autora, percebe -se que o movimento feminista deu o direcionamento para que as mulheres pudessem ter uma visão crítica na sociedade acerca dos seus direitos, ou seja, as mulheres negras principalmente correm atrás de igualdade de oportunidades entre as mulheres e os homens. Quando é falado sobre escravidão automaticamente surge o pensamento voltado aos escravos advindos da África, contudo deve-se reconhecer que os índios que aqui já estavam passaram a ser tratados como escravos com a chegada dos europeus (SAFFIOTI, 1992, p. 10).

Souza (1960) fala do racismo estrutural, ou seja, um racismo que foi construído historicamente ao longo da história do Brasil, e que hoje ainda se perpetua, pois, ainda vive-se em uma sociedade racista, preconceituosa, que discrimina as pessoas pela cor da pele, onde os privilégios estão voltados para os brancos, pois os negros são invisibilizados da sociedade, eles não tem espaço na sociedade e se tem é muito limitado.

A partir das ideias do sociólogo e historiador Gylberto Freire é possível perceber o quanto se faz necessário entender como se deu a formação da sociedade brasileira, o autor traz o modo de vida naquele período mostrando assim como a forma dominante era presente no século XVI, ou seja, nessa trajetória da sociedade brasileira muitos grupos foram silenciados, muitos deles viviam a mercê do grandes senhores de engenho, as mulheres também viviam de forma submissa, muitas delas e principalmente as negras eram submetidas aos mandos do senhor, do homem branco ou mesmo europeu como queira chamar.

Naquele momento a sociedade estava mais preocupada era com o aspecto econômico, pois sabiam que isso dependia do trabalho dos escravos, dos camponeses, ou seja, quanto mais eles trabalhavam maior era seu lucro. No período colonial (1530 -1822), que é visto ao longo período da história do Brasil, em que a classe dominante comandava todos os setores da sociedade, as mulheres, os escravos, os camponeses e os homens que estavam abaixo da sociedade.

Nesse período aconteceram muitas coisas, uma delas foi o ciclo do pau-brasil, essa árvore que deu muito lucros para os colonizadores europeus, e isso criou expectativa a outras países com o intuito de também explorar as terras da América, as grandes navegações foram viagens marítimas que evidenciaram esse deslocamento constante dos colonos às terras brasileiras para explorar a riqueza que tínhamos aqui. Depois tivemos a época da cana – de - açúcar, da borracha e o do ouro (Freyre, 1957, p. 17-18).

Sobre a cidade, Caxias se originou pela característica do valor de uso, correspondente ao uso da terra para suas necessidades básicas de sobrevivência. Ao analisarmos quais os sujeitos produziram a cidade e o qual o papel que eles representam no contexto social, observamos que os sujeitos que produziram a cidade foram inicialmente os índios que viviam na região, os portugueses que para aqui vieram como colonizadores e os negros que foram trazidos para trabalhar nas fazendas.

Esta área era uma faixa de terra utilizada pelos índios, onde o ponto de origem era a Trezidela*. A formação da cidade ocorreu numa área cercada de pequenos morros que acompanham o rio Itapecuru. Como diz Milson Coutinho, em sua obra Caxias das Aldeyas Altas, o povoado surgiu a exemplo da maioria das cidades ribeirinhas do norte do Brasil em consequência dos chamados pousos e paíóis, que foram se espalhando ao longo dos vales dos rios (SANTOS, 2018).

Hoje a cidade se apresenta numa grande dimensão social, podemos perceber as transformações ocorridas nesse espaço. E de como ela dinamizou com praças revitalizadas, espaços de lazer, sendo uma cidade histórica que muito se desenvolveu no século XIX,

* Historiadores são unânimes em afirmar que esse termo nasceu graças a população indígena naquela localidade. Este bairro de Caxias acabou servindo como denominação acabou de áreas urbanas situadas na outra margem de rios que cortam uma cidade, inclusive batizando cidades como Trizidela do Vale.

principalmente no que se refere a economia. Caxias também é considerada uma cidade dos poetas, possuindo muitas memórias, histórias e lutas, a exemplo se pode citar a mais conhecida delas foi a revolta Popular da Balaiada.

O presente estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica do tipo revisão integrativa da literatura, seguida por uma entrevista semiestruturada com mulheres negras da sociedade caxiense. De acordo com Ercole, Melo e Alcoforado (2014), a revisão integrativa de literatura é um método que tem como finalidade sintetizar resultados obtidos em pesquisas de maneira sistemática, ordenada e abrangente, mediante diferentes metodologias.

Para a localização dos estudos relevantes, que respondiam à pergunta de pesquisa, utilizou-se de descritores indexados e não indexados (palavras-chave) nos idiomas português, inglês e espanhol. Foram consultados por meio de descritores e palavras-chave as bases de dados BVS (Biblioteca Virtual da Saúde), coordenada pela BIREME e composta de bases de dados bibliográficas produzidas pela Google scholar e Scielo.

A pesquisa levou em consideração os aspectos éticos da pesquisa quanto às citações dos estudos, respeitando a autoria das ideias, os conceitos e as definições presentes nos artigos incluídos na revisão. Este estudo justifica-se por levar as representações da mulher contemporânea na sociedade e o espaço que esta tem conquistado com o passar dos anos e reivindicação dos seus direitos intrínsecos ao seu sexo ou gênero.

Por assim dizer, ficam dividido em tópicos e subtópicos os assuntos abordados nesse estudo. No primeiro momento o texto retratará os conceitos ligados à representatividade, a mulher contemporânea, a mulher negra, o que é gênero e abordará sobre feminismo. No tópico seguinte são abordadas com profundidade as questões relacionadas ao gênero e como isso ainda afeta muitas mulheres, negras ou não, na sociedade a qual se vive.

Adiante, é falado sobre o processo histórico da mulher negra na sociedade contemporânea e sobre como ela desempenha seu papel na luta por igualdade e reconhecimento dentro desse contexto. Logo abaixo são abordados estudos sobre a mulher contemporânea no Maranhão, algumas personagens importantes na luta pelos direitos das mulheres maranhenses são mencionadas e como foi fundamental a representatividade delas na história.

Logo após é realizada uma análise de dados referentes às pesquisas usadas no estudo, retrata-se sobre as representatividades da mulher negra no impasse das disparidades e desigualdades vigentes e como a construção da identidade é fundamental para o reconhecimento do “ser eu” na sociedade atual. É abordado também no tópico seguinte as conquistas e desafios enfrentados por essas mulheres durante a pandemia. Dentro desse mesmo

tópico é destacado um subtópico voltado para uma entrevista semiestruturada desenvolvida com mulheres caxienses que lutam pelas causas sociais de pessoas negras e de baixa renda do município.

2 A MULHER CONTEMPORÂNEA NEGRA E SUAS REPRESENTAÇÕES NA SOCIEDADE

2.1 CONCEITOS

Segundo Jodelet (2016) o termo representação pode ser interpretado por diversos campos teóricos, não sendo possível analisar equivocadamente um sentido ou direção. Contudo diz respeito às formas em que as pessoas podem ler o mundo e a si mesma e consequentemente como apresentar-se em local de fala. Ribeiro (2018) assegura que “as dimensões das representações sociais estão ligadas às informações que os sujeitos possuem sobre um objeto, a estrutura e organização acerca desse conhecimento e das atitudes em relação ao mesmo”.

Gênero também diz respeito a uma categoria histórica, cuja investigação tem demandado muito investimento intelectual. Enquanto categoria histórica, o gênero pode ser concebido em várias instâncias: como aparelho semiótico (LAURETIS, 1987); como símbolos culturais evocadores de representações, conceitos normativos como grade de interpretação de significados, organizações e instituições sociais, identidade subjetiva (SCOTT, 1990); como divisões e atribuições assimétricas de características e potencialidades; como, numa certa instância, uma gramática sexual, regulando não apenas relações homem–mulher, mas também relações homem–homem e relações mulher–mulher (ALMEIDA et al., 1995).

Cada feminista enfatiza determinado aspecto do gênero, havendo um campo, ainda que limitado, de consenso: o gênero é a construção social do masculino e do feminino. Podemos enfatizar a obra de Flávia Biroli (2018) (Gênero e desigualdades limites da democracia no Brasil) que trata dessa trajetória das mulheres, enfatizando principalmente a divisão sexual do trabalho, e mostra como essa mulher é vista naquele momento, no primeiro capítulo destaca as dificuldades existentes nos espaços diversos que atua (LOPES, 2020).

Na obra *Feminismo e Política* os autores destacam o conceito de público e privado, dizendo que se há algo que identifica um pensamento como feminista é a reflexão crítica sobre a dualidade entre a esfera pública e a esfera privada. Compreender como se desenhou a fronteira entre o público e o privado no pensamento e nas normas políticas permite expor seu caráter histórico e revelar suas implicações diferenciadas para mulheres e homens - contestando, assim sua naturalidade e sua pretensa adequação para a construção de relações igualitárias (DALCASTAGNE, 2016).

Tal abordagem aponta como a autora Carole Pateman em sua análise das teorias do contrato, de expor a história não contada da construção da esfera pública e dos direitos individuais na modernidade a partir da posição das mulheres, conotando-se assim a imagem da mulher contemporânea na sociedade e suas representatividades dentro dos conceitos culturais com foco na redução dos estereótipos culturais perpetuados ao longo dos anos.

A dualidade entre o público e o privado nas formas criticadas pelo feminismo continua, no entanto, na base de muitas abordagens teóricas predominantes. No debate contemporâneo sobre justiça, a esfera doméstica, sobretudo as relações familiares, é tomada como dimensão das relações sociais à quais os princípios da justiça não se aplicariam, já que nelas predominaria o afeto. É também, o que ocorre em uma das abordagens críticas da democracia de grande impacto no debate contemporâneo, a de Jürgen Habermas. Nela, a definição da esfera pública como espaço em que se dá a discussão entre iguais depende da suspensão dos problemas relativos à desigualdade na esfera privada – e a exclusão das mulheres, em seus exemplos históricos, aparece como questão contingente (FOUCAULT, 1996).

A ficção de que o público e o privado existem como dimensões distintas da vida oculta sua complementaridade na produção das oportunidades para os indivíduos. As expectativas sociais conduzem ao desenvolvimento de habilidades diferenciadas pelas mulheres e pelos homens. As atividades para as quais eles são orientados correspondem, por outro lado, as posições diversamente valorizadas, levando não apenas a “diferenças”, mas à assimetria nos recursos, demonstrando disparidades econômicas e sociais entre homem e mulher (RODRIGUES, 2006).

Todavia, as mulheres ao longo dos anos são “expostas à vulnerabilidade durante o período de desenvolvimento por suas expectativas pessoais (e socialmente reforçadas) de que será as principais responsáveis pelo cuidado com as crianças”, o que orienta seu comportamento para a conquista do casamento, já que atrair e manter o suporte econômico de um homem torna-se necessário para o cumprimento do papel que se espera que desempenhem. De modo correspondente, o mundo do trabalho se estruturou com o pressuposto de que “os trabalhadores” têm esposas em casa (SCHWARCZ, 2017).

2.2 QUESTÕES DE GÊNERO

A redemocratização no Brasil, a partir de 1980, criou condições para desenvolvimento do movimento feminista, que se ampliou rapidamente e passou a trabalhar em várias frentes, pelos direitos das mulheres e suas várias especificidades e diferenças de classe, raça/etnia, escolaridade e entre outras. Foi a partir da segunda onda que o feminismo começou a construir teorias e conceitos feministas. Um desses conceitos é o de gênero. Mas a categoria gênero, ao contrário do que muita gente pensa, não foi criada pelo feminismo (VIEIRA, 2005; SOUZA, 2020).

A prática colonial do patriarcado controlou todo o sistema de poder e representação desde os primórdios, enraizando no Brasil uma ideologia de hierarquização de gênero e de raça, a qual naturalizou as relações desiguais de força e poder dentro do cenário brasileiro. Assim, de maneira geral, as mulheres foram duplamente colonizadas, já que foram submetidas à dominação colonial portuguesa e à dominação do patriarcado (JARDIM; CAVAS, 2017).

Para Scott (1990) que já definia “o gênero como um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”. O termo gênero se refere à dicotomia da identidade sexual, mas, sobretudo, evidencia as relações de poder e os processos de dominação ligados à distinção sexual. Para os propósitos deste artigo, auxilia na compreensão da naturalização de certas relações de poder que moldam eventos do ciclo de vida feminino na sociedade patriarcal.

DaMatta (1991) em seu trabalho deixa bem claro que a questão da diferença entre a casa e a rua e como esses espaços são diferentes além de abordar as pessoas e seus comportamentos quando estão inseridos neles, dito isso vemos que a mulher vem perpassando caminhos difíceis há muito tempo, destacando a mulher do século XXI se vê uma mulher que busca e por meio das lutas vencidas anteriormente por outras mulheres, sabem aonde querem chegar, ela já não fica estática no mesmo lugar, esperando quer algo aconteça, ela arregaça as mangas e vai atrás dos seus objetivos, participa de movimentos sociais, movem outras mulheres motiva outras mulheres a também buscarem, elas estão na política, elas tem a plena consciência de onde estão saindo e de onde pensam em chegar.

“Uns fazem o percurso casa – rua -casa a pé; outros seguem de bicicleta. Muitos andam de trens, ônibus e automóveis, mas todos fazem e refazem essa viagem que constitui, de certo modo, o esqueleto da nossa rotina diária. Há uma divisão clara entre dois espaços sociais fundamentais que dividem a vida social brasileira: o mundo da casa e o mundo da rua – onde estão, teoricamente, o trabalho, o movimento, a surpresa e a tentação. É claro que a rua serve também como o espaço típico do lazer. Mas ela, como um conceito inclusivo e básico da vida social

– com “rua”-, é o lugar do movimento, em contraste com a calma e tranquilidade de da casa, o lar e a morada” (DAMATTA, 1991).

O poder permeia as relações entre os sexos, atua nas relações sociais de modo mais amplo representando um poder que disciplina o corpo, controla seus movimentos, usos e finalidade. Estabelece normas que o circunscreve e interpreta o desvio, o imoral e subversivo e o inapropriado. Tais ordens disciplinares, regidas por instituições sociais (escolas, hospitais, ciências, igrejas, prisões, governos) engendram em nossa sociedade a padronização da vida humana e sua otimização para reprodução do capital e a centralização do poder político, perpetuando assim o modelo patriarcal de dominação. O corpo feminino torna-se, assim, patrimônio da ordem social, objeto de uma biopolítica específica para a sua contenção e regulação por normas e valores (GIORDANI et al., 2018).

A construção da sexualidade da mulher ganha dimensões ainda maiores ao se levar em consideração a representação da mulher afro-brasileira na nossa sociedade patriarcal. Ao discorrer sobre o tema, Rodrigues (2021), observou que essas mulheres são sexualizadas em sua juventude, têm sua mão de obra escravizada ou explorada de forma barata na vida adulta ou são, ainda, nutridoras e zeladoras quando alcançam mais idade.

Nas últimas décadas do século XX, a história sofreu grandes transformações teóricas e metodológicas que direcionaram os olhares dos historiadores a temas e grupos sociais que, até então, estavam à margem dos estudos históricos, como as mulheres, os velhos, os operários, os camponeses e os escravos. Daí a história das mulheres emerge como um campo de estudo, influenciada pelos novos interesses da disciplina histórica e pelas campanhas feministas. Os reflexos dessas renovações não demoraram a alcançar o Brasil, e o aumento dos estudos sobre as mulheres nos programas de graduação e pós-graduação fez com que a história das mulheres se consolidasse rapidamente em nosso país (FARIAS, 2009).

Com o passar do tempo já no século XX a mulher começou a reivindicar pelos seus direitos na sociedade, procurando meios de se inserir, de estar representando seu voto, de estar no meio educacional, pois assim começa de fato a ter uma visão sobre seus direitos daquela época, Fiorin (2012) em um trecho do seu estudo retrata bem como a sociedade patriarcal via a mulher e como ela era “ensinada” a se comportar naquela época:

“Na sociedade patriarcal e intimista, a mulher desempenha o papel de mãe e esposa, não possuía liberdade, era ensinada a obedecer ao pai e ao irmão e, posteriormente, ao marido. Devido a isso, pode-se dizer que a mulher era dominada e deveria ser subordinada ao homem, que seria seu provedor. Assim, o espaço feminino era interior da casa, sendo suas funções promover a segurança e organização do lar, necessária para o homem trabalhar e a se desenvolver no contexto social”.

Uma análise de gênero também deve considerar que não só questões relativas ao acesso à educação são relevantes, mas também um conjunto de aspectos que evidenciam as

relações hierárquicas reproduzidas no interior do sistema educacional. Além disso, é fundamental a relação destas com outros campos por elas influenciados e que as influenciam. Nina Madsen (2008), em sua dissertação de mestrado, apresenta um modelo inspirado em Nancy Fraser que procura resolver esta problemática. Madsen (2008) elabora uma proposta para

“compor um modelo tridimensional que, ao analisar ou formular a educação como política pública do Estado, abarque as dimensões econômica, cultural-simbólica e política de maneira integrada (entendendo que cada dimensão dialoga e interfere nas demais) e transversal (entendendo que essa leitura deve perpassar todo o sistema, em todas as suas instâncias e formulações)” (Madsen, 2008, p. 811).

A proposta de Madsen (2008) também tem como consequência um olhar privilegiado na percepção do inter cruzamento entre as desigualdades de gênero, raciais, socioeconômicas e de geração. Partindo da realidade social das mulheres negras, é notável que em todos os setores da sociedade as mulheres negras passam por violência, seja ela qual for, porém por falta de apoio ou por medo da rejeição a mulher negra se sente desprotegida e sem rumo a seguir, ela simplesmente deixa de procurar seus direitos na sociedade.

Todavia, com o advento do novo século, as verdades, os limites e as noções sobre o sujeito alteraram-se profundamente. A ausência de um paradigma preponderante para defini-lo provoca o aparecimento de complexa rede de sentidos, mantida pelo discurso, cujo papel é construir a identidade do sujeito contemporâneo. As diferentes ordens do discurso, responsáveis pelas mudanças do sujeito, constituem a identidade feminina e, por estarem submissas a momentos históricos específicos, abrigam experiências particulares, emoções e vivências culturais que permitem a construção social da subjetividade da mulher (VIEIRA, 2005).

2.3 HISTORICIDADE DO PAPEL DA MULHER NEGRA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Para fundamentar melhor esse sub tópico irei falar-se a um pouco de Sueli Carneiro construiu os parâmetros para sua atuação política, em que edificou, por meio de sua aproximação com o movimento negro e de mulheres negras, os pilares para sua formação militante- etapa em que se abre para ela a síntese prioritária de uma pauta política desafiadora ao extremo: a de mulher negra. Na de 1980, inesgotavelmente, ampliam -se os terrenos para semear novas perspectivas; nessa etapa, Sueli se inscreverá de forma orgânica na luta contra os dois vetores de exploração de diferenciação negativa. Sem engessar a profícua trajetória de Sueli Carneiro, podemos, esquematicamente, dizer que ela promoveu três grandes viradas no

campo das políticas de gênero: a) mudanças de perspectivas no Conselho da Condição Feminina de São Paulo; b) centralidade da questão feminina negra no Conselho Nacional dos Direitos da Mulher; e c) fundação de Geledés - Instituto da Mulher Negra. Concomitantemente, trabalhou com intensidade febril em muitas frentes para realocar, em justiça e dignidade, negros e negras nos lugares que lhes cabem (BORGES, p.63-64,2009).

Segundo Duarte, Fonseca e Godoy (2011), o conceito de literatura afro-brasileira se encontra em construção, mas é possível distinguir alguns elementos que o definem como tal: o primeiro deles é a temática, que deve ter os negros, sua cultura, história, religião e tradições como temas. O segundo é a autoria, que é bem complexa, pois implica considerar fatores biográficos ou fenotípicos, e há quem defenda uma literatura negra escrita por brancos, e, ainda, autores afrodescendentes que não reivindicam para si essa condição.

Quanto às representações femininas presentes no discurso da moral católica, o autor ressalta que o modelo judaico-cristão exerceu influência significativa na definição do lugar ocupado pela mulher na Igreja, na sociedade e na cultura ocidental, não restando dúvidas de que esse discurso foi fundamental para reforçar as desigualdades de gênero. Ao buscar os modelos do feminino veiculados e defendidos pela Igreja Católica, Dalcastagne (2018), identifica dois "paradigmas do feminino" que procuram enquadrar a percepção social das mulheres para a criação de seus modelos de autor representação. Tais paradigmas são representados por duas mulheres centrais na tradição cristã, "Eva pecadora" e "Maria virtuosa", que, devido às suas características antagônicas, são utilizadas pelo cristianismo para representar todo o universo feminino (SCOTT, 1990; SOUZA, 2020).

O ponto de vista, terceiro elemento, é visto por Duarte como fator necessário para que a literatura seja aceita como afro-brasileira, devendo apresentar uma visão do mundo voltada para os valores morais, éticos e ideológicos que fundamentem a representação dos afrodescendentes, diferenciada da cultura dos brancos, superando qualquer modelo imposto pelos europeus e configurando-o com um discurso diferenciador. A linguagem é o quarto elemento destacado pelo autor, devendo esta apresentar, no discurso afro-brasileiro, expressões que denotem marcas linguísticas de proveniência africana (BEAUVOIR, 1970).

A partir de uma perspectiva social, torna-se claro que o negro, devido aos séculos de escravidão, ainda se encontra excluído da sociedade, pois os mesmos por vezes ainda são tratados de forma inferior e discriminatória. Ao longo dos anos, movimentos sociais vêm lutando pela igualdade e pelo fim do preconceito racial, como forma de evidenciar a contribuição e importância do negro para a história da sociedade brasileira. Percebe-se também a presença marcante dos escritores afro-brasileiros, que por meio de suas obras

expressaram a luta de um povo e a busca por igualdade de condições (RIBEIRO, 2017).

A liberdade feminina pela educação e a igualdade desejada entre homens e mulheres, ainda não era a dos direitos políticos, mas de poder realizar de forma digna os papéis sociais que caberiam aos dois sexos. A mulher não deveria ser mantida na clausura e na ignorância sob a justificativa de que era de natureza frágil, sentimental, passiva, sugestível, podendo ser facilmente seduzida e corrompida, pois consideravam que uma instrução sólida destacaria as “boas qualidades femininas”, e que seria seu ponto fraco era convertido em força, já que “fraqueza escudava nas virtudes cristãs será sempre invencível” (FLORESTA, 1989, p.159).

Esse traço do discurso feminista de Floresta, que justificava a instrução feminina para o melhor desempenho da função materna, não deve ser visto como um pensamento conservador, pois representa um grande avanço para a reflexão da sociedade brasileira sobre a condição feminina da época e um desafio para a mentalidade patriarcal vigente que insistia em manter a mulher numa total submissão e mediocridade (KEHL, 2017).

De acordo com essa perspectiva, o mito de uma democracia racial surge para adiar possíveis discursões sobre o preconceito racial, gerado pelo período escravocrata, que perdurou no Brasil por mais de três séculos. Para a análise de tais fatos começamos pela representação do negro na Literatura Brasileira ao longo dos séculos XIX e início do século XX, que embora começasse a surgir os primeiros escritores afro-brasileiros, a representatividade do negro ainda ocorria de maneira pejorativa, fato que denuncia o papel inferior ocupado pelo negro no Brasil (OLIVEIRA; KUBIAK, 2019).

Como toda manifestação cultural, especialmente aquelas cujas bases de transmissão são orais, passou por vários processos de ressignificação, mesclou-se a outras influências culturais, transformou-se, sobreviveu. Mas essa estratégia de dominação deixou graves sequelas nas relações sociais do país, que ainda hoje são muito visíveis nas várias formas de preconceito (CARREIRA, 2015).

Compreende-se o racismo como um conjunto de ideologias, doutrinas e ideias presentes na sociedade que atribuem inferioridade natural a determinados grupos étnicos e atua como motor de desigualdades que produzem condições precárias de existência da população vitimada. Nos últimos anos, diversas pesquisas têm evidenciado a construção racista na qual se fundamenta o Brasil (MACHADO, 2019). A maciça presença da população africana e afrodescendente no Brasil, escravizada ou liberta, não encontrava contrapartida na literatura. Nenhum personagem afrodescendente crescia a ponto de captar atenção ou tornar-se foco da narrativa (MATOS, 2020).

A proposta de uma cisão cultural entre os espaços pós-coloniais e a Europa se perpetua

até a contemporaneidade, em função do trabalho de muitos teóricos que ajudaram a definir o lugar de resistência das ex-colônias — hoje, nações independentes — em um contexto internacional que, por motivos históricos e geopolíticos, é ainda protagonizado de forma hegemônica pelo bloco europeu — sobretudo no que diz respeito à produção acadêmico-científica. Em outras palavras, os teóricos pós-coloniais defendem unânime o que Mignolo denomina desobediência epistêmica (MACHADO, 2019).

Torna-se importante que haja maior compromisso em se tratar dos escritores afrodescendentes, a fim de trazer para frente à importância dessas obras para a construção do conhecimento crítico e reflexivo sobre a real situação do negro no Brasil, na tentativa de extinguir o preconceito e a discriminação ainda presentes em nossa sociedade brasileira (RIBEIRO, 2017).

Partindo da afirmativa da autora, Perrot (2001), com tantas situações voltada para as mulheres negras, percebe-se que sai daí o resultado da exclusão social, do desemprego, da falta de oportunidades do mercado de trabalho, pois durante muito tempo mesmo essas mulheres já eram tratadas de forma diferente na sociedade. Assim sabe – que no mercado trabalho é mínimo a presença de mulheres negras, pois muitas não tiveram o privilégio de estudar, de se profissionalizar ou mesmo de conseguir terminar o ensino médio, porque optaram a trabalhar por conta do seu próprio sustento e de sua família.

2.4 A MULHER NO MARANHÃO CONTEMPORÂNEO

É de suma importância tratar sobre a mulher negra no maranhão, para isso buscou-se enfatizar uma mulher negra e à frente do seu tempo, pois falar dessa mulher, é saber que ela está representando e ao mesmo tempo direcionando muitas mulheres a conhecer seus direitos na sociedade. Pois Maria Firmina de Jesus foi muito ousada quando decide enfrentar tantos obstáculos na sociedade para que ela de fato pudesse escrever e se colocar como sujeito da sua escrita.

Falar de mulher negra maranhense e não citar a escritora e romancista que revolucionou o século XIX Maria Firmina dos Reis é esquecer uma das grandes personalidades maranhense, Maria Firmina dos Reis nasceu em 11 de março de 1822 na cidade de São Luís, no estado do Maranhão. Consequentemente dia 11 de março é comemorado o Dia da Mulher Maranhense como forma de homenagem. Era filha da escrava alforriada Leonor Felipa dos Reis e possivelmente de João Pedro Esteves, um homem rico da região. Além de escritora, foi professora primária de 1847 a 1881 e musicista. Maria Firmina viveu até o dia 11 de novembro

de 1917.

Maria Firmina escreveu várias obras nas quais se colocava como sujeito, a primeira obra foi *Úrsula* em 1859 o objetivo dessa obra era mostrar como as leis abolicionistas estavam distante da realidade de fato o que deveria ser, ela foi uma mulher à frente do seu tempo, pois acreditava que podia mudar sua história, era antiescravista e via que por meio da educação e do seu conhecimento poderia conquistar espaços, aos 25 anos de idade foi a primeira mulher a passar em um concurso público e isso também fortaleceu ainda mais a credibilidade de contribuir na educação maranhense, pois a partir desse momento acreditou que podia ir mais além. As outras obras que escreveu foram: *Gupeva* (1861); *Cantos à beira – mar* (1871); *A escrava* (1887); *Hino de libertação dos escravos* (1888); *Hino à mocidade*; *Auto de bumba meu boi*; *Valsa*; *Rosinha*; *Pastor estrela do Oriente*; *Canto de Recordação*.

Nessa obra ela apresentava também a condição submissa da mulher naquela sociedade, onde o marido exercia uma autoridade despótica sobre a esposa, como se observa no desabafo de Tancredo, um dos personagens principais do romance:

“não sei por quê, nunca pude dedicar a meu pai amor filial que rivalizasse com aquele que sentia por minha mãe, e sabeis por quê? É que entre ele e sua esposa estava colocado o mais despótico poder: meu pai era o tirano de sua mulher; e ela, triste vítima, chorava em silêncio, e resignava -se com sublime brandura.” (REIS, 1988, p.49).

Quando fala-se do perfil de mulheres negras no país, uma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) em 2013 mostra que desde 2009 essas mulheres representam cerca de um quarto da população, destacando que na época eram quase 50 milhões de mulheres em uma população que totalizava, naquele ano, uma estimativa de cerca de 191,7 milhões de brasileiros (as). O estudo também mostrou que a maior concentração de mulheres negras se dá nas regiões Norte e Nordeste e, em menor proporção, no Centro-Oeste, em porcentagens pode-se dizer que na região Norte do país 74,7% da população feminina era negra, na região do Nordeste era de 69,9% e no Centro-Oeste era de 56,7%.

Diante do que é vivenciado sobre a trajetória das mulheres, nota-se que nos séculos XX e XXI a construção de políticas que defendam as transformações em relações ao gênero, seja no contexto das relações laborais, ou historicamente, tende a corresponder de certa forma a um contradiscurso retrogrado que busca tornar mínimos os efeitos que as experiências avançadas a nível constitucional causam. Isso é por diversas vezes representado por alguns modelos de gestão dificultam as probabilidades de concretização das políticas de igualdade e oportunidades entre homens e mulheres (FRANÇA, 2020).

Usando a autora supracitada pode-se observar que, conforme seu estudo:

“o discurso de gênero foi amoldado ao modelo de

administração pública brasileiro de modo indireto, ademais, muito pouco avançou a legislação brasileira quanto à melhora das questões de igualdade de oportunidades fora do âmbito do exercício das funções públicas”.

Isso leva a crer que atualmente a utilização do concurso público consiste em um único organismo básico e operativo que é disponibilizado para a sociedade como um plano estratégico de igualdade de oportunidades em que homens e mulheres, no desempenho, e na formação profissional exercem funções equivalentes e possuem remunerações iguais (FRANÇA, 2020).

Infelizmente algumas conquistas das mulheres ainda são vista de forma muito desigual, principalmente no que se refere ao trabalho, a visão deixada pelo patriarcado foi a de que para as mulheres estão à responsabilidade com o lar, com os filhos e com a educação, acarretando assim a que essa “responsabilidade” é impostos às mulheres. Gerenciar dois espaços o público e o privado ao mesmo tempo não são tarefas fáceis, além de trazer muitas angústias e responsabilidade à oportunidade de sair para trabalhar fora tem se mostrado angustiante, principalmente quando esse trabalho é iniciado ainda na infância e pré-adolescência, contribuindo para que muitas meninas e mulheres não finalizem seus estudos, e consequentemente não chegam a se formar (FIORIN, 2012).

Quando também se destaca as mulheres chefes de família que tem toda a responsabilidade dobrada sob suas costas, que depende somente dela mesma, sem ter como contar com ninguém, em virtude de tudo isso vimos tantas mulheres angustiadas. A perda de horas de trabalho afetou de modo particular os países em desenvolvimento, com repercussão direta e maior proporção às mulheres que, de muitas maneiras convivem com a desigualdade histórica por questão de gênero (MARCONDES, 2013).

Nesse sentido, o retrocesso nos avanços do mercado laboral foi o resultado mais marcante no incremento da crise - em múltiplas dimensões- gerada pelo corona vírus já que, a diferença de crises anteriores, nesta, o emprego feminino foi mais afetado que o masculino, levando-se em conta que os setores mais atingidos foram o comércio, serviços, sanitários e sociais, todos em primeira fila, são majoritariamente tarefas realizadas por mulheres Assim, como as administrações públicas, o mercado de trabalho de modo geral, foram impactadas com a preferência pelo trabalho remoto, com reflexos negativos, sobretudo para a população mais vulnerável, e sem acesso aos meios tecnológicos em razão da brecha digital brasileira (FRANÇA, 2020).

Notoriamente a trajetória de muitas mulheres foi consideravelmente difícil principalmente o trajeto de mulheres negras que ainda sofrem com as limitações nos espaços sociais e claramente em exercer seus direitos adquiridos. Contudo a partir dos movimentos feministas das décadas de 60 e 70, as mulheres passaram a lutar cotidianamente pela valorização e reconhecimento na sociedade, buscando desconstruir o modelo de que a mulher é um ser inferior, submissa, anônima e boazinha, transforma a ideia de que a sua utilidade para a sociedade é a de somente cuidar do lar e da família.

Muitos fatores são contribuintes nessa perspectiva e de certa forma não encontramos muitas mulheres negras ocupando cadeiras no meio científico, ou até mesmo estão nos bancos das universidades. Então o papel da mulher negra maranhense contemporânea não difere muito das demais mulheres da sociedade de forma geral, já que possam estar em espaços diferentes, mas vivenciam as mesmas dificuldades (FIORIN, 2012).

O foco do feminismo negro é salientar a diversidade de experiências tanto de mulheres quanto de homens e os diferentes pontos de vista possíveis de análise de um fenômeno, bem como marcar o lugar de fala de quem a propõe. Patricia Hill Collins é uma das principais autoras do que é denominado de *feminist standpoint* (ponto de vista feminista). Em sua análise, Collins (1990) lança mão do conceito de matriz de dominação para pensar a intersecção das desigualdades, na qual a mesma pessoa pode se encontrar em diferentes posições, a depender de suas características. Assim, o elemento representativo das experiências das diferentes formas de ser mulher estaria assentado no entrecruzamento de gênero, raça, classe, geração, sem predominância de algum elemento sobre outro.

Supracitando Collins, visando uma reconfiguração das hierarquias de raça, classe, gênero e sexualidade, a autora aponta para novas formas do capitalismo global que impulsionam mudanças sociais, econômicas e políticas, e “fabricam” outras formas de racismo e sexismo; entretanto, persistem as desigualdades, a exemplo de o pobre continuar sendo racializada (Collins, 2005).

Para a ativista Daianne dos Santos, o Feminismo da Intelectual Bell Hooks é uma poderosa ferramenta usada pelas intelectuais negras para validar seus trabalhos, de modo a descolonizar a universidade com pensamentos forasteiros. Também se destacam os trabalhos na área de educação, por meio do processo de inclusão de pessoas negras nas universidades e sua permanência nesses espaços e na área de saúde da população negra. Sendo assim Santos (2019)* relata que:

Enquanto mulher negra e intelectual relato que ainda é muito difícil romper com as relações racializadas que mina potencialidades inovadoras e exalta ainda a vida

* Daiane dos Santos é uma mulher negra, ex ginasta brasileira que competiu em provas de ginástica artística. Conquistou nove medalhas de ouro em campeonatos mundiais. Daiane foi a primeira ginasta brasileira, entre homens e mulheres, a conquistar uma medalha de ouro em uma edição do Campeonato Mundial.

e o pensamento europeu. A universidade é branca, mas as poucas de nós que conseguem furar o muro se engaja em coletivos para buscar a cada dia enegrecer o ambiente acadêmico tornando-o mais humano (SANTOS, 2019),

Mendes (2020) complementa dizendo que a mídia acaba propiciando o racismo em suas imagens e segue aproveitando-se da negritude sem respeito algum, na qual não toma partido em favor da luta antirracismo e sem um questionamento moral quanto ao seu papel e sua influência em uma causa tão importante. Muitos estudos possibilitaram fortalecer o conceito de que as mulheres podem conquistar outros rumos, por meio da busca por conhecimento, participação em espaços de debates políticos, desenvolvendo projetos sociais em busca de ajudar outras mulheres.

Na escala mundial, as mulheres trabalhadoras, da administração pública, como do setor privado, passaram a conjugar a vida laboral com o tele trabalho, focando na dimensão dos estereótipos e papéis de gênero na família e na sociedade, sendo em geral as responsáveis tradicionais às tarefas domésticas associadas ao papel de cuidadoras e no apoio as atividades dos filhos (FRANÇA, 2020).

Enfatizando a mulher maranhense nos espaços do poder político, destacar-se aqui Ferreira (2019), a autora faz uma trajetória falando sobre a importância da mulher na política, mesmo sendo um espaço de limitações algumas mulheres maranhenses conseguiram chegar até lá. Ou seja, a partir dessa afirmativa as mulheres estão na política, mesmo em números reduzidos e devagar elas estão começando a também fazer deste público muito masculinizado, que é o poder político. O campo da política é muito restrito ao homem e fazendo com esse se sinta superior à mulher, nos espaços de discussões políticas infelizmente é muito presente a forma desprezível de como as mulheres são tratadas.

Em termos conceituais, Foucault (2004) foi importante para a análise dos discursos das parlamentares, considerando que a formulação do discurso exige ritual e qualificação dos indivíduos, para que possam ser efetivamente ouvidos e referenciados; da mesma forma, a autora inspirou-se na sua discussão sobre a forma como as relações de poder são produzidas e reproduzidas nos discursos e nas práticas das parlamentares, o que, em certa medida, leva a invisibilidade das mulheres no Legislativo.

Por outro lado, o conceito de “campo”, de Pierre Bourdieu, foi importante para analisar a Assembleia Legislativa do Maranhão como um campo do poder, onde homens e mulheres fazem usos de trunfos/capitais acumulados em suas batalhas cotidianas visando à produção de “verdades” e de consensos. Fez uso, também, do conceito de violência simbólica desse autor, para nos fazer pensar sobre uma forma de violência presente no cotidiano do Legislativo, que é doce, e conta com a cumplicidade do dominado (BOURDIEU, 2007).

as transformações de uma sociedade acontecem como resultado de transformações cognitivas (culturais) nas mentes dos indivíduos (mundo subjetivo) e se expressam posteriormente nas leis, instituições, prédios, livros (mundo objetivo). Nesse sentido, a percepção do aumento quantitativo da presença de mulheres nos espaços políticos é importante, pois sinaliza que revoluções simbólicas invisíveis estão acontecendo nas categorias de pensamento da sociedade contemporânea, ou nas convenções cognitivas, mesmo que não tenham, ainda, se expressado no mundo objetivo (BOURDIEU, 2007).

Diante dessa afirmativa percebem que as mulheres na política são invisibilidades e principalmente as mulheres negras, que estão mais expostas e desprotegidas devido a sua condição social e econômica, essa que foi e é historicamente discriminada, pois a formação nos períodos da colonização do Brasil trouxe a mulher negra à margem da sociedade excludente e preconceituosa, sem empatia e julgadora refletindo principalmente no que se referem aos aspectos sociais, morais, políticos, trabalhistas e culturais (FERREIRA, 2019).

Durante o período de pandemia, muitos momentos desesperadores afetaram a população mundialmente, apontando como cada um sofreu com os momentos difíceis e angustiados, sem emprego e ser ter de onde tirar o sustento de casa, fazendo com que muitas pessoas tivessem que se reinventar. As mulheres, não muito diferente disso, passaram além de ter que cuidar do lar, dos filhos e do esposo, a dar conta do seu trabalho, isso trouxe sobre muitas mulheres o esgotamento físico e mental, que infelizmente contribuíram para os crescentes casos de adoecimento mental e psíquico, infelizmente esses acontecimentos acabavam favorecendo a desmotivação nos estudos, trabalho, lazer, cuidados diários entre outras coisas necessárias.

A partir da pandemia da covid-19, teve-se a obrigatoriedade do distanciamento social na qual cerca de 4 bilhões de pessoas ao redor do mundo estavam se abrigando em casa como medida preventiva à propagação do vírus. Com boa parte do mundo em isolamento começam os relatos de que um dos efeitos da pandemia foi o crescimento na violência à mulher, principalmente a violência doméstica praticada pelos próprios parceiros íntimos, pois as mulheres acabaram ficando “presas” com os agressores (UN – UNITED NATIONS, 2020).

É necessário entender que os mais variados corpos femininos se apresentam de modos totalmente diferentes em determinados ambientes, na qual é perceptível que tais variações são marcadas por incontáveis contextos de opressão. Com isso torna-se de fundamental importância gerar uma problematização em torno dos corpos na sociedade atual que por muitas vezes se revela altamente machista girando em torno do androcentrismo, mostrando ser uma sociedade indiferente e acusatória às coisas que fogem ao “padrão” geral (VIEIRA et al., 2021).

Estudos apontam que as mulheres negras foram muito afetadas durante a pandemia,

além dos constantes bombardeios preconceituosos e a discriminação na sociedade, muitas foram ficaram sem emprego, apresentaram maior número de problemas mentais por questões financeiras, sociais, por não poder cuidar da família. Segundo Oliveira e Kubiak (2019), quando se adentra nas instituições ligadas à saúde, rapidamente se observa o racismo institucional, na qual as mulheres negras continuam a receber os piores tipos de atendimento e tratamento, tornando-se assim as maiores vítimas de violência hospitalar.

3 ANÁLISE DOS DADOS

3.1 REPRESENTATIVIDADES DA MULHER NEGRA NO IMPASSE DAS DISPARIDADES E DESIGUALDADES VIGENTES

Os estudos analisados com ênfase na mulher negra contemporânea e suas representações na sociedade apontaram conceitos e descobertas de diversos autores que discorrem sobre a importância da mulher no contexto social e suas representações dentro das questões de gênero, sexualidade, direitos humanos e em todos os campos que, outrora tinham maior representatividade masculina e baixa expressão feminina.

Giordani et al. (2018), realizou um estudo sobre a amamentação e nascimento de um filho e suas representações para a mulher dentro do contexto social e cultural e, este afirma que:

“O nascimento de um filho e a responsabilidade pela sua vida provocam mudanças na identidade feminina e implicam em transformações em seus relacionamentos pessoais e no conjunto das relações sociais. Por um lado, na mudança de sua identidade, a mulher passa a assumir uma nova condição de si, da vida, das relações, dos outros, provocando uma transformação de comportamento, posturas e, finalmente, uma mudança completa na sua autoimagem. E, por outro, a sociedade ao lhe impor papéis, fundamentalmente, exige certos posicionamentos e atitudes que a relembram a uma condição de cumpridora do seu “dever” (GIORDANE et al., 2018).

Assim, a autora aponta que a identidade feminina é construída ao longo dos anos e através das suas experiências e representatividades dentro do contexto social, cultural, moral e ético. Os estereótipos culturais do papel da mulher têm sido modificados ao passo que a mulher ganha mais espaço e reconhecimento social, todavia, os tabus culturais, morais e sociais ainda precisam de desenvolvimento e valorização da mulher como cidadã dona de si e dotada de direitos e deveres, similarmente a outras pessoas.

Lopes (2020) apontou em sua pesquisa as representatividades da musa Michelle Mattiuzzi dentro da contemporaneidade da mulher negra e suas contribuições para a evolução e reavaliação do papel da mulher e as questões de gênero inerentes:

É nesse contexto de (re)avaliação do sentido evocado por sua presença física que Mattiuzzi encontra a obra de Nazareth. Seu envolvimento com a peça, ela sustenta, é tanto de “identificação quanto de não-identificação”, para usar suas palavras. Por outro lado, a leitura também fornece uma afirmação imagética do que seu corpo não é. Mattiuzzi toma o texto de Nazareth como um “material potente”, uma fonte para orientá-la no desenvolvimento da coisa (negra) que não está na performance, uma coisa que provavelmente se encaixará, em suas próprias palavras, “no sistema hegemônico branco [que] aniquilar todas as outras possibilidades do corpo (LOPES, 2020).

A autora envolve em uma discussão que confunde status social, posição de classe e questões raciais, uma estratégia difundida em toda a sua prática artística. No entanto, neste

caso, a descrição é substituída por uma lista de ações que, uma vez tomadas, transformariam as características físicas de uma pessoa. A sugestão é que uma mudança nas características físicas de uma pessoa pode prometer uma mudança em seu status e condição social.

Para Rodrigues (2021) a mulher contemporânea possui largo espaço, quando comparado aos direitos das mulheres a dois séculos atrás, ou mesmo, á aquelas dos anos 50 do século passado, segundo tal autor, em virtude das mudanças ocorridas na concepção de sujeito, muitas discussões têm surgido sobre o seu papel na construção da identidade contemporânea e, considerando que o limiar entre o conceito de sujeito e o de identidade é sutil e, muitas vezes imperceptível, desejamos saber precisamente qual o papel do sujeito na definição da identidade.

Desta forma a construção da identidade e imagem da mulher contemporânea perpassa aos tabus culturais, as imposições sociais de papel e aos estereótipos perpassados no transcorrer dos anos. No que concerne à discussão do papel do sujeito na construção da identidade da mulher, devemos ressaltar que é por meio da negociação da identidade e da diferença que o sujeito deve ser estabelecido (PORTO JÚNIOR, 2018).

Concomitante a isto, Matos (2020) discorre em seu estudo sobre a mulher contemporânea e sua identidade social, que as transformações e as desarticulações da vida social no contexto atual deslocam radicalmente as identidades sociais e confrontam as pessoas com a necessidade de negociar seus relacionamentos com outros em vários níveis, como resultado, novas identidades são construídas textualmente pela combinação de práticas discursivas, associadas às identidades existentes, cujos limites entre vozes são redesenhados, sendo acrescentadas outras vozes ao discurso, ao mesmo tempo, que são apagadas as diferenças entre as diferentes ordens do discurso.

Assim sendo, os sujeitos, portanto, resultam de experiências pessoais em diferentes eventos e de processos contínuos de mudanças. Quanto à discussão do modo de agir do sujeito na constituição da identidade, cabe dizer que é difícil acreditar em sujeitos completamente livres ou totalmente assujeitados. É preferível falar de sujeitos ativos que se tornam assujeitados em alguns momentos e que são, em determinados papéis, responsáveis pela constituição da identidade (VIEIRA, 2005, APUD VIRMOND, 2019).

Segundo Stoll (2021), os movimentos feministas, iniciados na década de sessenta e setenta, formaram a vanguarda revolucionária da luta das mulheres ao problematizarem a (des) igualdade entre homens e mulheres e questionar os diversos aspectos da vida social, como a família, sexualidade, tarefas domésticas, inserção no mercado de trabalho e educação dos filhos. Após esse momento, o modo de vida da mulher passou a ser discutido com mais veemência tanto na sociedade quanto nos estudos científicos.

3.2 DESAFIOS, CONQUISTAS E PANDEMIA

A COVID-19 é uma doença infecto contagiosa que ataca principalmente os pulmões e se apresentou mais letal para idosos e pessoas com comorbidades, em pouco mais de seis meses matou milhões de pessoas no mundo todo, alcançando também pessoas sem históricos de problemas de saúde, jovens e crianças. Ao ser detectado na China, políticas de isolamento social foram adotadas em todo o mundo, visto que em uma sociedade global marcada pelos fluxos, evitar a circulação do vírus não foi possível e logo outros países já apresentavam os primeiros casos, que cresceram de forma muito rápida. O que era uma doença desconhecida e distante chegou ao país e transformou o nosso cotidiano, impondo restrições de circulação, fechando pontos comerciais, isolando pessoas em casa (BESSA et al., 2021).

A pandemia da covid-19 foi mundialmente causando uma crise sanitária e econômica, resultando em mudanças drásticas na vida da população, onde muitas pessoas ficaram desempregadas, contraíram o vírus, perderam seus entes queridos e o pior de tudo isso é que eles não tinham como se despedir, era uma morte inesperada que causava uma tristeza imensa (SANTOS et al., 2022).

Na medida em que os fatos aconteciam muitas mulheres sofriam com o desemprego, ansiedade e chegaram até mesmo a adoecer mentalmente (depressão) principalmente as mulheres negras que com tantas dificuldades encaram a realidade com muitos desafios. Percebe-se que a desigualdade de gênero, a disparidade de oportunidades de trabalho, o espaço de poder e da política ainda se limite ao homem e isso não é nenhuma novidade já está cristalizada essa situação, pois a sociedade ainda se configura uma sociedade que invisibiliza as mulheres é a que massacra, objetifica e violenta, são violências das mais diversas que se possa imaginar.

A pandemia só intensificou a forma detestável em muitas mulheres são tratadas, e as mulheres negras nesse sentido são as que se prejudicam, muitas delas são chefes de famílias que vivem no anonimato, através dos programas de assistencialismo do governo federal, e infelizmente sofrem violência doméstica (RAFAEL, 2021).

E quando nos referimos a destacar a diferença entre os espaços público e privado no que se referem ao trabalho, muitas mulheres negras estão nos mais diversos trabalhos na informalidade, pois estas não são escolarizadas, não tiveram a oportunidade de estudar, uma vez que optaram a trabalhar, pois a situação da qual está e sempre esteve é de extrema necessidade. E quando algumas delas conseguem estudar e ter uma formação, pouquíssimas assumem trabalho na sua área.

A chegada da COVID-19 provoca o movimento feminista a repensar uma série de "avanços" e a preocupar-se com retrocessos, entre eles a questão da inserção no mercado de trabalho formal em larga escala, pauta do feminismo liberal. Claro está que para algumas mulheres não há o risco da perda de um emprego, uma vez que sequer alcançaram este direito e continuam sustentando uma centena de mulheres brancas que trabalham no espaço público e conquistaram uma emancipação econômica. Mas, para estas mulheres negras e pobres que se encontram no limite da subsistência, também as consequências serão e estão sendo devastadoras, como observamos ao analisar os dados coletados durante o período de vigência do isolamento social adotado no país (Revista ANPEGE, p-309-424, 2021)

Em março de 2020, após aparecer em uma província na China e se espalhar em países da Europa, chegou ao nosso país o coronavírus, ou a COVID-19, um vírus com altas taxas de transmissão, de forma rápida e que, em alguns casos, provoca longos tempos de internação para tratamento e/ ou a morte. A COVID-19 logo se espalhou através dos fluxos existentes no mundo globalizado, revelando uma face deste processo, que nos é tão caro, exatamente pela sua capacidade de produzir relações instantâneas, como nos lembra Milton Santos, "O espaço é hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao lugar e seus habitantes." (1996, p. 51) E foi mesmo um fim estranho ao lugar e aos habitantes do planeta a forma como o vírus circulou e circula entre nós, visto como algo distante, logo tornou-se mais familiar que o esperado.

O mundo globalizado terminou o ano de 2019 sob completo desconhecimento de uma epidemia que nascia na China. Um novo vírus que surpreendeu a população daquele país, mas que, para o Brasil, era visto como algo de outro mundo — do Oriente, do outro lado do planeta, distante e, aparentemente, sem conexão com o nosso cotidiano. No entanto, logo no começo de 2020, descobrimos que em um mundo globalizado nada é de outro mundo e não tardou percebermos que a Covid-19 evidenciaria a força das redes mundiais, com suas conexões e fluxos de pessoas e mercadorias, um fluxo que aumentou muito nos últimos 20 anos, período em que a China se tornou responsável por 18% de todas as transações econômicas do mundo. (FERREIRA et al., 2020).

A partir dos movimentos sociais voltados para mulheres negras que nota-se o quão é necessário debater essa temática entre os jovens, para que estes jovens se posicionem na sociedade, e reconheça de fato suas raízes, pois na medida em que se busca discutir essa temática nos grupos, possibilita ao mesmo tempo o fortalecimento do "Ser Eu" em uma sociedade tão "padronizada", mesmo na pandemia os grupos não ficaram parados através das

redes sociais eles se comunicavam, faziam suas reuniões, faziam manifestações, ajudavam as pessoas mais necessitadas e sempre estavam em comunicação fortalecendo o grupo (MUNANGA, 2019).

A caracterização de um movimento social não é uma tarefa simples. Um movimento social não é consensual nas ciências sociais, mas que por um longo período estes conviveram com paradigmas conflitivo tais como, racismo, sexismo, xenofobia e condições desiguais de emprego e renda (RODRIGUES, 2020).

O que se percebe é que durante o processo em que é vivido a pandemia, muitos movimentos sociais tiveram a internet como forma de reivindicação, buscando alternativas para estarem se apoiando e em nenhum momento ficaram parados esse foi um desafio enfrentado por esses grupos. No que se refere às mulheres negras também estiveram muitos movimentos sociais conquistando alguns espaços mais ainda sofrendo muito preconceito, não há equidade para as mulheres negras possa ter oportunidade na sociedade, elas sempre estão vistas a segundo plano (BARBOSA et al., 2021).

Todavia, o racismo estrutural abunda nos textos acadêmicos de mulheres e homens que dizem apoiar as demandas dos movimentos feministas, reforçando, ainda mais, a supremacia branca e negando a possibilidade de que as mulheres se conectem politicamente transpondo as fronteiras étnicas e raciais (RODRIGUES, 2020).

3.2.1 Relatos de lutas e conquistas de mulheres Caxienses

Eu me chamo Leyde Dayanna sou parda cabelos crespos pretos, baixa e magra, sou a quarta filha na ordem familiar, sou filha de uma mulher parda e um homem pardo, sou caxiense e venho de uma família numerosa, sou casada e tenho duas filhas, estudei na rede municipal na educação infantil e fundamental, no ensino médio na rede estadual e fiz minha graduação em História na Universidade Estadual do Maranhão, fiz especialização em História do Maranhão pela Universidade Estadual do Maranhão, atualmente trabalho na rede municipal no ensino fundamental II há 13 anos, trabalho com a disciplina de História, e sou aluna concludente do curso de Ciências Sociais.

Nesse tópico será abordado o resultado de uma entrevista realizada com mulheres negras que se disponibilizaram a contar um pouco mais de suas histórias e lutas contra o racismo e a opressão imposta por uma sociedade ainda preconceituosa e machista.

O que levou de fato a pesquisar essas quatro mulheres negras de Caxias – MA, é pelo fato de serem mulheres negras que representam a categoria, que estão no mercado de trabalho,

que estão em programas sociais, que tem idades diferentes e também que estão em espaços diferente, mas que todas elas buscam um reconhecimento social e através dessa busca constante, mobilizam outras mulheres a irem em busca de seus objetivos, eu poderia ter procurado mais mulheres, mas em decorrência da pandemia e do tempo muito corrido não foi possível realizar, já com essas mulheres que participaram da pesquisa tenho contato direto, e isso foi também o que facilitou de fato o desenvolvimento da mesma.

As entrevistas foram realizadas no município de Caxias- MA, foram selecionadas quatro mulheres que representassem a luta e representatividade na mulher negra caxiense. Como primeiro questionamento foi abordado suas formações, interesses, conquistas e desafios enfrentados durante sua vida, além disso, foi possível adentrar mais em seus pensamentos e visões sobre como contribuir para que a sociedade possa atuar de forma mais inclusiva e menos preconceituosa.

E1- Professora Doutora Elizete Santos, residente na cidade de Caxias – MA, é a quinta filha de um casal composto de um homem pardo e uma mulher preta, duas mulheres e dois homens, uma já falecida, é mãe de uma menina por nome Anami. Professora formada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão, mestre em Educação e Doutora em História, é professora do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia do Centro de Estudos Superiores de Caxias. É de uma família numerosa tanto paterno como materna, uma família de negros e pardos, trabalha na educação há 28 anos, tanto na rede municipal e estadual como na particular, trabalhei seis anos na educação infantil da rede municipal. Entre a educação infantil, ensino médio e ensino superior, tem percorrido, foi professora da educação infantil na escola Monicalândia (de 1º ano ao 4ºano), na década de 90, coordenadora pedagógica do (5º ano ao 9º) ano na época no Colégio Caxiense, diretora da escola Dr. Joana Viana, no bairro João Viana e diretora geral no Centro de Ensino Superior na cidade de Zé Doca, foi diretora no Centro de Ensino Superior da cidade de Coelho Neto. E hoje é diretora do Curso de Ciências Sociais no Centro de Estudos Superiores da Universidade Estadual do Maranhão na cidade de Caxias-Ma.

E1- “minha família era pobre e sem condições de assegurar o nosso sustento, e ao mesmo tempo em que estudava também trabalhava [...]o objetivo desse trabalho era exatamente para arrumar dinheiro para manter a casa, e não para as necessidades pessoais, pois minha família era muito humilde”.

E2- Angélica Ribeiro da Silva é divorciada, mulher negra de olhos escuros, tem três filhos e é aposentada da rede pública e atualmente lidera um grupo há 24 anos município de Caxias que se chama JUNINA SAI DE BAIXO que tem como associação Folclórica da Quadrilha Sai de Baixo, tem apenas tenho ensino fundamental incompleto.

E3- Cristhiane Sousa Bezerra Cristhiane Sousa Bezerra é casada tem três filhos, se considera uma mulher morena, de olhos claros, formada em licenciatura em pedagogia pela UEMA, especializada em Psicopedagogia clínica pelo IESF, está na segunda graduação de ciências Sociais pela UEMA, é concursada na cidade de Coroatá- MA, e atualmente atua na área de Educação Infantil .

E4- Taciana Maria dos Santos Cardoso, é uma mulher negra, mãe solo aos 17 anos de idade, tem 5 filhos (4 meninas e 1 menino), graduada em Geografia pela Universidade Estadual do Maranhão, autônoma (Educadora Social), Técnica em Comércio e Vice - Presidente do Movimento Crespos e Cacheados. Tem 37 anos, é vice presidente do movimento Crespos Cacheados, co-fundadora e diretora de trabalho e renda da Unegro Caxias. Formada em técnica em Comércio e Licenciatura em Geografia. Desde os 17 anos milita por uma sociedade mais igualitária, atuou em programas do governo federal e escolas particulares do município. Em 2018 foi convidada para ser uma pesquisadora para o Plano Juventude Viva do estado do Maranhão e acabou virando referência sobre a discussão de Juventude Negra em Caxias-MA, pois isso, em 2019 integrou a Coordenação Municipal da Juventude sendo responsável pelo Núcleo de Políticas Transversais E em 2021 foi selecionada para compor uma ONG Internacional que atua em Codó. Atualmente é Educadora Social e presidente do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher.

Quando questionadas sobre a representatividade da mulher negra na sociedade as entrevistadas declaram ainda existe muitas barreiras a serem enfrentadas nas áreas da educação, trabalhos, sexualidade, socioeconômicos e direitos de fala na sociedade:

E1- “mulheres não escolarizadas, majoritariamente estão no mercado informal; as mulheres com escolarização, que estudaram o Ensino Médio, elas estão nos empregos de balconistas nas lojas, passando necessidades, sem carteira assinada, sustentando o luxo dos empresários, em relação às mulheres com escolarização, pós – superior, também não está fácil, não tem rede de apoio, o número é muito pequeno, não é todo mundo que levanta a pauta.”

E3- “as mulheres negras em especial, são vistas como serviçal, objeto sexual, o histórico vem ao longo do tempo reforçando isso, a sociedade não aceita que essas mulheres produzam, pois reconhece que o lugar dessas mulheres negras é a na cozinha e não o da intelectualidade”.

Djamila Ribeiro no seu livro "Pequeno Manual Antirracista", destaca que desde criança, as pessoas negras são levadas a refletir sobre sua condição racial, pois no início da vida escolar foi para mim um divisor de água: por volta dos seis anos entendi que ser negra era um problema para a sociedade. Até então, no convívio familiar, com meus pais e irmãos, eu não era questionada dessa forma, me sentia amada e não via nenhum problema comigo: tudo era "normal". "Neguinha do cabelo duro", "negrinha feia" foram alguns dos xingamentos que comecei a escutar. (RIBEIRO, p.23, 2020)

As entrevistadas foram questionadas sobre suas carreiras, como foi o processo de busca pelo seu espaço na sociedade:

E3- “foi uma luta árdua, com bastante dificuldades, pois a primeira gravidez foi aos 19 anos de idade, depois tive o segundo filho e após 10 anos foi quando passei no vestibular estava grávida da minha terceira gravidez e prestes de ter a minha filha, no curso era uma correria entre estudar, cuidar dos filhos, do marido e da casa, às vezes levava a bebê e outra vez deixava com minha sogra, mas continuei até me formar”.

E1- “quando cheguei no ano de 1994 para assumir uma direção de uma escola, pelo fato de ser negra e muito jovem as pessoas achavam que não tinha esse perfil. Já no nível superior não foi diferente, e por sinal muito marcante, ser professora de ensino superior não é para mulher negra”.

E4- “a maior conquista foi conseguir a graduação em Geografia, eu vim de um bairro periférico, ou seja, as meninas a maioria nesse período não tiveram formação. Mais já passei por situações em que ao chegar em uma determinada escola para palestrar onde estava representando a Coordenação Municipal de Juventude e pelo fato de ser negra, a diretora achou que ela não era a palestrante. Em outra situação eu estava na cidade de Teresina em um shopping com minha filha, e chegou uma mulher e perguntou por que a menina estava te chamando de mãe? Eu disse, mas eu sou a mãe dela, ou seja, por ser negra fui confundida como babá, pois a minha filha tem pele clara”.

Ainda sobre a obra de Djamila, ela fala que quando cursava filosofia, um colega se mostrou muito surpreso por eu ter tirado uma nota maior que a dele num trabalho e sugeriu que era porque o professor gostava de mim. Outro colega insinuou que me daria a parte mais fácil de um trabalho "para me ajudar". Experiências desse tipo me fizeram compreender que elogios podem significar condescendência. Além disso, muitas pessoas negras que circulam em espaços de poder, já fui "confundida" com copeira, faxineira ou, no caso de hotéis de luxo, prostituta (RIBEIRO, 2020).

Frente a esse último relato foi perguntado as entrevistadas como elas desempenhavam o papel de mãe e como é ensinar para essa nova geração sobre como combater o preconceito em suas formas mais diversificadas:

E1- “eu digo todos os dias para lutarmos contra o preconceito do racismo, gênero, classe e raça”.

E2- “Repassei todos os dias, inclusive após uma palestra que participei percebi que nós mulheres podemos sim conseguir algo na vida”.

E4- “conversa direto com as filhas, cria as meninas de forma igual para o menino, as tarefas de casa são divididas por igual, eu entendo desde sempre que devemos educar nossos filhos, meu filho é educado para ser futuramente um bom homem e um bom esposo, uma partilha deve ser de idas e vindas, meus filhos são o meu laboratório”.

Em seu trabalho, Mendes (2020), comenta a representação contemporânea da vida das mulheres negras e faveladas retratadas na série *Coisa Mais Linda*. Para a autora, quando existe uma personificação negra em obras audiovisuais geralmente a figura negra é apresentada de duas formas: ou são utilizados conceitos históricos relacionados à população

negra que reforçam o racismo entranhado à sociedade brasileira, ou é criada uma narração fictícia de gênero e de raça com imagens romantizadas e higienizadas mostradas como opção para superar a exclusão e a violência.

Sobre o preconceito ainda exposto na sociedade, as entrevistadas também apresentam posições reflexivas sobre como já vivenciaram e como é combater as suas formas que ainda são manifestadas dentro da sociedade:

E3- “quando entramos em uma loja recentemente, a gente percebe o olhar do vendedor pelo jeito que estamos vestidas e porque estamos dechinelo, então somos malvistas e o atendimento é ruim”.

E1- “eu acredito sim em uma sociedade menos preconceituosa, pois estamos vendo produção de mulheres negras no contexto acadêmico, as mulheres que estão na academia estão falando de dores e dissabores, essa é a diferença, porque estão reconhecendo e procurando amenizar nossa situação enquanto negras”.

Almeida (2018) diz que o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo normal com que se constituem as relações de políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social, e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção.

Atinente a esse questionamento, surgir à indagação em saber se as entrevistadas faziam parte de algum projeto social voltado para a defesa e fortalecimento da atuação da mulher negra nos âmbitos sociais. Supreendentemente todas participam de projetos sociais, assim é possível observar em suas falas o quão importante é esses projetos do desenvolvimento de uma sociedade mais inclusiva.

E1- “sim a (UNEGRO), não participa de projeto social de assistencialismo, mas afirma ajudar com cestas básicas distribuindo para as famílias carentes”.

E2- “Associação Folclórica da Sai de Baixo, funciona na minha casa provisoriamente, pretendemos procurar um local para alugar, pois temos muitas ideias a serem colocadas em prática, temos também como objetivo ajudar os moradores de rua”.

E3- “faço parte da Associação Folclórica da Sai de Baixo, que tem como objetivo tirar os jovens do mundo das drogas, que muitos deles são excluídos da sociedade”.

E4- “Crespos e Cacheados, o objetivo era a princípio discutir sobre a transição capilar, mas no aniversário de um ano do movimento em 2016, foi percebido que o grupo não falava apenas de discussão sobre transição, ele estava se tornando politizado”.

Djamila destaca na obra que o movimento Panteras Negras, do qual a ativista e filósofa Angela Davis fez parte, além de lutar contra a segregação racial no Estados Unidos e pela emancipação do povo negro, tinha também em suas bases a valorização da estética negra (RIBEIRO, p.28, 2020).

Rodrigues (2020) destaca além do estigma social, " as mulheres negras enfrentam

sérios problemas estruturais ", como a violência psicológica. Desse modo, a atuação do feminismo negro brasileiro configura - se por meio de estudos e ações concretas em diferentes áreas de atuação. Estas mulheres organizam - se em movimentos sociais, ONG's e Conselhos por todo o país, mobilizando - se contra a prática do racismo e do sexismo como fico para a garantia de igualdade de direitos e de oportunidades mais justas.

O período delicado que se vivencia ainda é o momento pandêmico, que causa muitas incertezas e medos na sociedade, e para estas mulheres foi um período de muitas transformações:

E3- "o bom foi porque fui chamada no concurso municipal que tinha passado, e ruim porque ficamos em casa, no distanciamento social, onde vários amigos perderam seus entes queridos de covid – 19. No que se refere à educação, as crianças não aprenderam, a gente de um lado e elas de outro, chegando a prejudicar o lado emocional. E hoje a maioria das pessoas estão depressivas".

Um ponto importante a destacar é a capacidade exercida pelas mulheres de desenvolver multitarefas durante suas vidas e como isso foi intensificado durante a pandemia. Infelizmente todo esse desdobramento para "conciliar tudo" contribuiu para que muitas mulheres apresentassem sinais de desgaste físico e mental. Esses desgastes foram fatores significativos para observar o quanto é necessário a contribuição de todos no desenvolvimento das tarefas diárias, possibilitando o descongestionamento das mesmas (SOUSA; MACHADO, 2021).

Outro ponto que chama atenção é o aumento de agressões e feminicídio dentro das casas brasileiras. Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) pouco mais de um mês depois do primeiro caso de Covid-19 no Brasil, houve o aumento em 22% o número de casos de feminicídio em relação ao mesmo período do ano anterior. Essas estatísticas são assustadoras e mostram que infelizmente muitas mulheres estão presas em relacionamentos abusivos (FRANCO, 2020).

Por fim as entrevistadas deixam uma mensagem importante sobre lutar e nunca desistir dos objetivos e sonhos que muitas mulheres negras ou não acabam desistindo ou são forçadas a deixar de lado por situações, pessoas, falas e atitudes que as desencorajaram a prosseguir e alcançar:

E1- "Eu acredito na mudança e sei da dificuldade, quando vemos a população pobre dentro da universidade é sinal de que mudanças estão por vir, para que essa população venha conhecer seus direitos através do conhecimento".

E2- "A sociedade em si tem que respeitar as pessoas negras e de baixa renda, somos discriminadas ainda perante a sociedade, temos que ter mais oportunidade, pois ainda existe muito preconceito com a gente, a sociedade acha que não podemos chegar a lugar nenhum. Pois nós mulheres pretas podemos chegar aonde a gente quiser".

E3- “Eu desejo que todas as pessoas que queiram algo na vida, nunca desista dos seus sonhos, independentemente de classe, raça ou religião, mesmo que seja difícil, pois não é impossível e quando queremos uma coisa, eu consigo porque corro atrás, sem passar por cima de ninguém, porque tem pessoas que para conseguir algo ignora as outras pessoas”.

E4- “Apostem na educação como ferramenta de transformação devida, pois foi assim que fiz porque acreditei como uma válvula de escape, essa é a fala de uma mulher que nasceu de uma mulher negra, que sofreu violência doméstica, mãe solo, hoje sou mãe jovem, negra que vivo e venho sobrevivendo a essa negação de direitos. Entendo que tudo isso foi a mola que me transformou, e hoje eu sou quem eu sou”.

A luta das mulheres negras para exercer seus direitos dá-se no dia a dia, contudo não mais comparado com o de formigas e isso é um trabalho desenvolvido desde a infância, na educação, no convívio familiar e, com a finalidade de recuperar sua “representação histórica dentro de um sistema altamente racista e patriarcal” (RODRIGUES, 2020).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como foco a mulher negra contemporânea e suas representatividades dentro do contexto social na sociedade vigente, o estudo evidenciou os avanços advindos com o passar dos anos e o papel da mulher negra contemporânea na construção da identidade feminina na sociedade com vistas a redução das disparidades e desigualdades inerentes no contexto de gênero e sexo. Assim sendo, a mulher negra contemporânea possui direitos iguais aos homens e deveres similares, os avanços e conquistas foram de suma importância para construção da identidade feminina, contudo a disparidade social e econômica ainda perpassa eras e tempos, sendo um tabu a ser superado.

A mulher negra contemporânea distingue-se das demais em épocas anteriores por buscar valorização e reavaliação do modelo social no Brasil e no mundo, tais ações vislumbra alcance de direitos outrora outorgados e redução das disparidades e desigualdades de gênero, cor, raça, sexo mirando assim num futuro igualitário e justo para todos sem distinção entre sexo ou gênero.

Ainda é necessário que muitos estudos sejam realizados dentro dessa temática, além disso, é preciso que entenda-se o quanto é importante a realização dos movimentos negros pelo mundo e o porquê de tais lutas. Dentro do parâmetro de mulheres, principalmente ao que diz respeito às mulheres negras, temas como respeito, igualdade, sexualidade e dignidade precisam ser exclamados com mais ênfase, visto que ainda são abordados com pouca frequência em estudos científicos.

As limitações deste estudo se deram pela baixa diversidade textual relacionados à mulher negra contemporânea nos últimos anos e a dificuldade em encontrar estudos com texto completo nos últimos anos com acesso livre, além disso a pesquisa com mulheres caxienses precisará ser ampliada e desenvolvida com mais mulheres, expondo o ponto de vista de mulheres que lutam todos os dias pelo reconhecimento profissional e pessoal diante de uma sociedade tão “embranquecida”.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, Miriam. Das margens ao centro? Refletindo sobre a teoria feminista e a sociologia acadêmica. **Revista Estudos Feministas [online]**. 2003, v. 11, n. 1 [Acessado 31 Janeiro 2022] , pp. 284-288. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2003000100020> . Epub 15 Out 2003. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2003000100020>.

ALMEIDA, SUELY SOUZA de et al. Violência de gênero: poder e impotência. In: **Violência de gênero: poder e impotência** . 1995. pág. 218-218.

BARBOSA, Aline de Oliveira et al. **A produção do cordel" Os movimentos sociais no campo brasileiro" como recurso didático no ensino de Sociologia para as escolas do campo no Cariri Paraibano.** 2021.

BEAL, Sophia. Práticas de prazer na escrita de autoras brasileiras contemporâneas. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea [online]**. 2021, n. 64 [Acessado 26 Janeiro 2022] , e646. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2316-4018646>>. Epub 22 Nov 2021. ISSN 2316-4018. <https://doi.org/10.1590/2316-4018646>.

BEAUVOIR, Simone de. O SEGUNDO SEXO. TRADUÇÃO DE SÉRGIO MILLIET
CAPA DE FERNANDO LEMOS. **Difusão européia do livro**, 1970.

BESSA, Christiane Ferreira Marques Neto de et al. **As pandemias e a pandemia da Covid-19 no contexto dos povos indígenas: Impactos e modos de enfrentamento.** 2021.

BIROLI, Flávia. Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil. **Boitempo Editorial**, 2018.

BRANDAO MATTOS, Marcelo. O "lugar de fala" e as "falas do lugar" na enunciação literária: o dilema pós-colonial. **Lit. teor. hist. crit.**, Bogotá , v. 23, n. 1, p. 161-184, June 2021 . Available from <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-59312021000100161&lng=en&nrm=iso>. access on 12 Oct. 2021. Epub Apr 06, 2021.

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. A Literatura comparada como instrumental para o cumprimento das leis 10.639 e 11.645. **Revista Australirica**, v. 1, n. 1, 2015.

DALCASTAGNÈ, Regina. Sobre a criação de narrativas necessárias. *Pernambuco: Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado*, n. 129. 2016. Disponível em: » <http://bit.ly/3bjJg2z>

DALCASTAGNÈ, Regina; LICARIÃO, Berttoni; NAKAGOME, Patrícia (Org.) (2018). **Literatura e resistência**. Porto Alegre: Zouk.

DAMATTA, Roberto. A casa e a rua. Rio de janeiro: **Guanabara KOOGAN**, 1991.

Dossiê mulheres negras : retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil / organizadoras: Mariana Mazzini Marcondes ... [et al.].- Brasília : Ipea, 2013.

DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares; DE GODOY, Maria Carolina. Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica. **Editora UFMG**, 2011.

ERCOLE, Flávia Falci; MELO, Laís Samara de; ALCOFORADO, Carla Lúcia Goulart Constant. Revisão integrativa versus revisão sistemática. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 18, n. 1, p. 9-12, 2014.

Empoderamento / Joice Berth. -- São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019. 184 p. (**Feminismos Plurais** / coordenação de Djamila Ribeiro).

FARIAS, Marcilene Nascimento de. A história das mulheres e as representações do feminino na história. **Revista Estudos Feministas [online]**. 2009, v. 17, n. 3 [Acessado 27 Janeiro 2022] , pp. 924-925. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2009000300021>>. Epub 05 Fev 2010. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2009000300021>.

FERREIRA, Maria Mary. SUB-REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NA POLÍTICA NO BRASIL: REFLEXOS DE UMA CULTURA PATRIARCAL?. Porto, **Fac. Letras Univ.** Porto, p. 209-223, 2019.

FIORIN, Pascale Chechi et al. **Representações da mulher contemporânea: saúde, maternidade e trabalho**. 2012.

FLORESTA, N. Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens. São Paulo, **Cortez**, 1989, pp.99-134.

FOUCAULT MP. *Microfísica do poder* 12ª ed. Rio de Janeiro: **Graal**; 1996.

FOUCAULT, Michel. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. verve. **revista semestral autogestionária do Nu-Sol.**, n. 5, 2004.

FREYRE, Gilberto. (1957) Casa-grande e senzala. Lisboa, **Livros do Brasil**.

GOMES, Camilla de Magalhães. Gênero como categoria de análise decolonial. Civitas - **Revista de Ciências Sociais [online]**. 2018, v. 18, n. 1 [Acessado 31 Janeiro 2022] , pp.65-82. Disponível em: <<https://doi.org/10.15448/1984-7289.2018.1.28209>>. ISSN 1984-7289. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2018.1.28209>.

GIORDANI, Rubia Carla Formighieri et al. Maternidade e amamentação: identidade, corpo e gênero. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**. 2018, v. 23, n. 8 [Acessado 26 Janeiro 2022] , pp. 2731-2739. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232018238.14612016>>. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018238.14612016>.

JARDIM, Gabriel de Sena; CAVAS, Claudio São Thiago. Pós-colonialismo e feminismo decolonial: caminhos para uma compreensão anti-essencialista do mundo.Ponto-e-Vírgula: **Revista de Ciências Sociais**, n. 22, p. 73-91, 2017.

JODELET, Denise. A representação: noção transversal, ferramenta da transdisciplinaridade. **Cad. Pesqui.** [online]. 2016, vol.46, n.162, pp.1258-1271. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742016000401258&script=sci_abstract&tlng=pt>

KEHL, Maria Rita. Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. **Boitempo Editorial**, 2017.

LAURETIS, Teresa de. O corpo feminino e a presunção heterossexual. **Semiótica** , v.67, n. 3-4, pág. 259-79, 1987.

LESSA, Bruno de Souza; SOUZA, Ana Clara Aparecida Alves de; CAREGNATO, Célia Elizabete. A educação moral em Emile Durkheim e as disputas contemporâneas em torno do sistema formal de ensino brasileiro. **Educação. UNISINOS**, São Leopoldo , v. 23, n. 2, p. 242-256, abr. 2019 . Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-62102019000200242&lng=es&nrm=iso . acessado em 31 enero 2022. Epub 30-Abr-2020. <https://doi.org/10.4013/edu.2019.232.03>.

LOPES, Fabiana. Musa Michelle Mattiuzzi: Radical Wanderings, Gestures of Terror and Fugitivity in Flesh*. **Cadernos Pagu [online]**. 2020, n. 60 [Accessed 26 January 2022] , e206008. Available from: <https://doi.org/10.1590/18094449202000600008> Epub 21 Dec 2020. ISSN 1809-4449. <https://doi.org/10.1590/18094449202000600008>.

MACHADO, Cilas Daniel da Silva. **Entre o lugar cativo e o lugar sonhado: o negro organizador em nosso meio e o negro pleno em nossa busca**. 2019.

MADSEN, Nina. **A construção da agenda de gênero no sistema educacional brasileiro (1996-2007)**. 2008.

MARTINS A. Possibilidades de diálogo: Classe e gênero. **História Social** 1998; 4(5):135-156.

MATOS, Vanessa Tavares de. **Representações discursivas do eu na experiência de formação docente do Projeto Mulheres Inspiradoras: uma análise das identidades na escrita biográfica**. 2020.

MONGIM, Luciana Marquesini. O corpo negro periférico e a poética gingadeira no livro *Reza de mãe*, de Allan da Rosa. In: CONGRESSO INTERNACIONAL AFRICANIDADES E BRASILIDADES, 2., SEMINÁRIO ACOLHENDO AS LÍNGUAS AFRICANAS, 7., CONGRESSO NACIONAL AFRICANIDADES E BRASILIDADES, 4., 17 a 20 set. 2018, Vitória. *Anais [...]* Vitória: Nafricab/UFES. Disponível em: Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/cnafricab/article/view/21866> Acesso em: 30 dez. 2021.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. **Autêntica Editora**, 2019.

OLIVEIRA, Beatriz Muccini Costa; KUBIAK, Fabiana. Racismo institucional e a

saúde da mulher negra: uma análise da produção científica brasileira. **Saúde debate**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 122, p. 939-948, Sept. 2019.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. 1988.

Percorrendo becos e travessas: feitos e olhares das histórias de Caxias/organizadores. Jordânia M. Pessoa, Salânia M. Barbosa Melo.- Teresina: **Edufpi**, 2010, 430 p.

PINHEIRO FILHO, Fernando. A noção de representação em Durkheim. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política [online]**. 2004, n. 61 [Acessado 31 Janeiro 2022] , pp. 139-155. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-64452004000100008>>. Epub 29 Jul 2004. ISSN 1807-0175. <https://doi.org/10.1590/S0102-64452004000100008>.

RAFAEL, Letícia Felix. **Mulheres, tempo e trabalho: direitos de conciliação entre vida social e laboral no ordenamento jurídico brasileiro**. 2021.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: **Letramento, Justificando**, 2017.

RIBEIRO, Isabela Bezerra. **Alice através do espelho: representações sociais e corpoentre adolescentes**. 111f. 2018. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Psicologia) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, 2018.

RODRIGUES J. *Tabu do Corpo*. Rio de Janeiro: **Fiocruz**; 2006.

RODRIGUES, Cecília Paiva Ximenes. “Aquilo que nos faz humanos”: cotidiano e resistência feminina afro-brasileira em Reza de mãe, de Allan da Rosa. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea [online]**. 2021, n. 62 [Acessado 26 Janeiro 2022] , e6212. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2316-40186212>>. Epub 26 Abr 2021. ISSN 2316-4018. <https://doi.org/10.1590/2316-40186212>.

SANTOS, Naira Pinheiro dos. Questões de gênero: mais do que um novo olhar sobre as ciências sociais normais. **Revista Estudos Feministas [online]**. 2011, v. 19, n. 3 [Acessado 31 Janeiro 2022] , pp. 1022-1024. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000300023>>. Epub 13 Jan 2012. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000300023>.

SANTOS, LORENA SALES DOS. Crescer nas Margens: Diáspora, Migração e Movimento nas Obras de Conceição. Evaristo, Edwidge Danticat e Jamaica Kincaid, 163p. (PPG/TEL/UnB, Doutor, 2015). **Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília. Curso de Doutorado do Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL- UNB)**.

SANTOS, Mariangela Santana Guimarães. Fragmentos da memória: contribuições à história da cidade de Caxias do Maranhão. 2018.

SANTOS, Carla Sandra Aguiar Siqueira dos et al. Pandemia COVID-19 e a ruptura da última fronteira: crise da reprodução social e a expropriação de pessoas em situação de rua em um município do Sul de Minas Gerais. 2022.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças; cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEGNINI, Liliana Rolfsen Petrilli. Diferenças entre homens e mulheres traduzidas em desigualdades nas relações de gênero. **Revista Katálisis [online]**. 2010, v. 13, n. 1 [Acessado 31 Janeiro 2022] , pp. 9-10. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-49802010000100001>>. Epub 21 Jun 2010. ISSN 1982-0259. <https://doi.org/10.1590/S1414-49802010000100001>.

SELISTER-GOMES, Mariana; QUATRIN-CASARIN, Eduarda; DUARTE, Giovana. O conhecimento situado e a pesquisa-ação como metodologias feministas e decoloniais: um estudo bibliométrico. **CS**, Cali , n. 29, p. 47-72, Dec. 2019 . Available from <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2011-03242019000300047&lng=en&nrm=iso>. access on 31 Jan. 2022. <https://doi.org/10.18046/recs.i29.3186>.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo , v. 17, n. 39, p. 203-219, ago. 2017 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000200002&lng=pt&nrm=iso . acessos em 12 out. 2021.

SCOTT J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade* 1990; 16(2):5-22.

Souza, Jessé, 1960- Como o racismo criou o Brasil / Jessé Souza. - 1. ed. - Rio de Janeiro: **Estação Brasil**, 2021. 304 p.; 23 em.

SOUZA, Ágnes Christiane de. Representações do sujeito poético lésbico. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea [online]**. 2020, n. 61 [Acessado 26 Janeiro 2022] , e613. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2316-4018613>>. Epub 27 Nov 2020. ISSN 2316-4018. <https://doi.org/10.1590/2316-4018613>.

SOUSA, Janara; GERALDES, Elen. As contribuições de Karl Marx e Max Weber sobre a autonomia/não-autonomia da ciência e tecnologia. **Ciênc. cogn.**, Rio de Janeiro , v. 13, n. 1, p. 163-174, mar. 2008 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212008000100016&lng=pt&nrm=iso . acessos em 31 jan. 2022.

Sueli Carneiro/ Rosane da Silva Borges. -- São Paulo: Selo Negro, 2009. (**Retratos do Brasil Negro / coordenada por Vera Lúcia Benedito**)

STRAUSS AL. *Espelhos e Máscaras: A busca de identidade* São Paulo: DUSP; 1999.
STOLL, Daniela Schrickte. A cidade e o transnacional em Algum lugar, de Paloma Vidal. cadernos pagu, 2021.

TOLOMEI, Cristiane Navarrete. Maria Firmina dos Reis, decolonialidade e escrita abolicionista na imprensa Maranhense oitocentista. **Ex aequo**, Lisboa, n. 39, p. 153-168, jun. 2019 . Disponível em <http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-

55602019000100011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 09 dez. 2021.

VIEIRA, Josênia Antunes. A identidade da mulher na modernidade. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada [online]**. 2005, v. 21, n. spe [Acessado 27 Janeiro 2022] , pp. 207-238. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-44502005000300012> . Epub 19 Maio 2006. ISSN 1678-460X. <https://doi.org/10.1590/S0102-44502005000300012>.

VIEIRA, Luciléia da Silva et al. **Histórias de cor (-po): representatividade, subjetividade, resistência e educação**

VOLTZ, Carlos Eduardo Poerschke. A relevância dos estudos de Max Weber para compreender a sociedade contemporânea. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 03, Ed. 09, Vol. 04, pp. 261-274, Setembro de 2018. ISSN:2448-0959

WEISS, Raquel. Max Weber e o problema dos valores: as justificativas para a neutralidade axiológica. **Revista de Sociologia e Política [online]**. 2014, v. 22, n. 49 [Acessado 31 Janeiro 2022] , pp. 113-137. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-44782014000100007>>. Epub 10 Jul 2014. ISSN 1678-9873